



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES

COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

***EU E O CÂNCER, O CÂNCER E EU - A ÉTICA NO
DOCUMENTÁRIO ANIMADO***

RITA MARTINS VILELA

Pelotas – RS
2022

EU E O CÂNCER, O CÂNCER E EU - A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO ANIMADO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Centro de Artes da UFPel como requisito
básico para a conclusão do Curso de Cinema de
Animação**

Professor (a): Dra. Ivonete Pinto

**Pelotas-RS
2022**

RITA MARTINS VILELA

EU E O CÂNCER, O CÂNCER E EU - A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO ANIMADO

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em 01 de dezembro de 2022

Banca Examinadora:

Profª Drª Ivonete Pinto

Prof. Dr. Alexandre Severo Masotti

Profª Drª Cíntia Langie Araujo

RESUMO

Este artigo busca desenvolver uma reflexão sobre a produção de um documentário parcialmente animado e sua relação com a ética durante todas as etapas de produção, desde o tratamento com a atriz social em questão quanto na pós-produção. Como embasamento, foram utilizados teóricos do cinema documentário e animação que analisam as possibilidades do cinema como forma de comunicação, alinhando tais conteúdos à ética.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; documentário; animação; ética.

ABSTRACT

This article intends to develop a reflection on the production of a partially animated documentary and its relationship with ethics during all stages of production, from the treatment with the social actress to post-production. As a basis, theorists of documentary and animation cinema were used, who analyze the possibilities of cinema as a form of communication, aligning this contents with ethics.

KEYWORDS: Cinema; documentary; animation; ethics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. PRODUTOS AUDIOVISUAIS E ESTEREÓTIPOS DA DOENÇA.....	09
3. EU E O CÂNCER. O CÂNCER E EU: A OUTRA FACE DO DIAGNÓSTICO.....	12
3.1 A ENTREVISTA.....	16
3.1.1 AS PERGUNTAS - BREVE REFLEXÃO.....	16
3.2 A ANIMAÇÃO.....	20
3.2.1 COMO REPRESENTAR O CÂNCER?.....	21
3.2.2 O QUE NÃO ANIMAR?.....	22
3.2.3 O QUE ANIMAR?.....	23
3.3 DECUPAGEM: TRANSFORMANDO 73 MINUTOS EM 15.....	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

O cinema, em geral, reforça o estereótipo de que o diagnóstico do câncer é, invariavelmente, uma sentença de morte. Filmes, vídeos e outras narrativas audiovisuais nas mídias de massa, aquelas que visam atingir expressivo número de espectadores, tendem a desconsiderar, em suas representações, outros fatores importantes que envolvem o contexto de uma pessoa com câncer; por exemplo, a qualidade de vida, ressaltando apenas os momentos finais da vida de uma pessoa diagnosticada com câncer.

A partir desta constatação, esta pesquisa contempla uma reflexão sobre a construção do filme *Eu e o Câncer, o Câncer e Eu* (2022), um documentário parcialmente animado produzido como meu trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Foram desenvolvidas reflexões acerca de como o filme foi realizado em relação aos principais dilemas éticos da montagem: quais perguntas fazer para que a personagem principal desenvolvesse seu raciocínio (visto que eu já conhecia previamente parte da história por conviver com a personagem principal) e quais partes do depoimento dele animar? Seria possível animar toda a fala da personagem? Como ser cuidadosa com a seleção do seu discurso já que uma das minhas prioridades era o bem-estar da personagem?

Além disso, através do processo de realização do filme, é possível entender que o cinema pode desempenhar um papel fundamental na construção da memória de um indivíduo e, portanto, do imaginário coletivo, visto que historicamente a mídia e o câncer possuem uma relação pautada através de estigmas e tabus. Segundo Jonathan Crary em “Suspensões da Percepção” (1991), existem “caminhos pelos quais um novo conhecimento sobre o comportamento e a constituição de um sujeito humano coincide com [...] novas práticas representativas, e com uma reorganização radical da cultura visual e auditiva” (p. 26). Por isso, é preciso refletir sobre a produção do cinema indo de encontro às mídias de massa e como as escolhas estéticas, visuais e narrativas contribuem para o reforço de um estereótipo ou para a chegarmos a uma compensação desses conceitos pré-estabelecidos.

A metodologia deste trabalho consiste em realizar uma revisão bibliográfica e

fazer a análise fílmica de produtos audiovisuais que estereotipam o diagnóstico do câncer, que são o videoclipe *Quand C'est* e os filmes de longa-metragem *Cloud*, *The Fault in Our Stars* e *Life in a Year*. Estas produções servirão como parâmetro de comparação para a própria análise de *Eu e o Câncer, o Câncer*, que traz a perspectiva do diagnóstico de câncer vivenciado por Daniele Muller, uma mulher que compreendeu que em seu diagnóstico havia um motivo de esperança.

Os produtos escolhidos para essa comparação não são filmes documentários, tampouco animados (com exceção do videoclipe que utiliza animação 3D) como o produzido para o trabalho de conclusão de curso, mas foram escolhidos por representarem esteticamente e narrativamente (através do roteiro) os estereótipos que justificaram a feitura desta produção. Produção esta que, desde sua concepção, possui objetivos claros de abordar um ponto de vista pouco predominante no cinema.

Segundo Serra, o documentário animado é “produto da interseção entre documentário e filme de animação, o “documentário animado” está situado na fronteira entre ficção e não ficção e traz aos estudos de cinema questões referentes tanto aos limites dessa demarcação como às possíveis alterações que ocorrem no discurso não ficcional quando o documentário se confronta ou se mistura com outros gêneros cinematográficos.” Com essa definição, podemos classificar *Eu e o Câncer, o Câncer* e *Eu* como um documentário animado, apesar de ele possuir trechos com animação digital 2D e imagens da personagem principal captadas por câmera.

Assim, a análise do TCC prático *Eu e o Câncer, o Câncer e Eu*, realizado por Rita Martins Vilela e Alessandra Bonholi Barbosa, está sendo elaborada com base nos recursos utilizados (especialmente as animações) que abordam perspectivas atípicas sobre o diagnóstico de câncer e quais foram as escolhas realizadas em termos de roteiro, narrativa visual, narrativa sonora e animação. Elementos construídos para que o filme pudesse contribuir na elucidação de novos horizontes em relação a um diagnóstico de câncer vivenciado pela personagem principal. Além disso, esta pesquisa trata dos dilemas éticos envolvidos nas escolhas de todos os elementos cinematográficos anteriores.

Para a construção do artigo foram utilizados teóricos que abordam o cinema, o documentário e a ética. Para Severino (2017), “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em

documentos impressos, como livros, artigos, teses etc” (p. 122).

Assim, a bibliografia foi fundamental para embasar as questões que envolveram os objetivos e o processo de realização do documentário, através de livros e artigos científicos de teóricos das áreas mencionadas. A fim de contextualizar as outras possibilidades do cinema, que não somente a expressão artística, foi utilizado como aporte teórico o livro *Cinema como prática social* (1997) de Graeme Turner, concomitante à obra de Bill Nichols *Introdução ao Documentário* (2010) e *Ver e Poder* de Jean Louis Comolli (2008), embasando as justificativas de construir um filme documentário com trechos de animação digital em 2D e como a ética influencia e “tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta.” (NICHOLS, p 25)

Além disso, serão consideradas as relações entre visão, contexto histórico e representação audiovisual e como elas favorecem os mecanismos pelos quais a memória coletiva é construída, com o aporte teórico de Maria Luisa Sandoval Schmidt (1993) a respeito do sociólogo francês Maurice Halbwachs. Em seu artigo “Halbwachs: memória coletiva e experiência”, Schmidt destaca que, “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito.” (HALBWACHS apud SCHMIDT, p. 288). Assim, o audiovisual, sendo instrumento de comunicação e gerador de significados como pontua Turner, é um recurso favorável à construção da memória e do imaginário coletivo.

2. PRODUTOS AUDIOVISUAIS E ESTEREÓTIPOS DA DOENÇA

A ideia de realizar tanto o trabalho prático como o teórico envolvendo *Eu e o Câncer*, *o Câncer e Eu* surge a partir de uma reflexão realizada na disciplina “análise fílmica” na Universidade Federal de Pelotas. O produto audiovisual em questão é o videoclipe da música “Quando C’est”. Lançado em 2015 pelo cantor e compositor Stromae, é um videoclipe sombrio, em preto e branco, que usa silhuetas para representar o câncer como um personagem pontiagudo que está boa parte do tempo tentando capturar o personagem principal.

A letra da música e as representações visuais presentes no videoclipe

reforçam um estereótipo bem conhecido do universo audiovisual: o diagnóstico do câncer como sentença de morte.

“Câncer, câncer, me diga quando será
Câncer, câncer, quem será o próximo?
Câncer, câncer, me diga quando será
Câncer, câncer, quem será o próximo?
E você ama criancinhas
Sem dúvida, nada te faz parar
Mas pare de se fazer de inocente
Nas embalagens de cigarro está escrito
O fumo mata, você me choca”

Trecho traduzido da música "Quando C'est"
(Stromae)

Em *The Fault in Our Stars* (2014), o diretor Josh Boone conta a história de dois adolescentes com câncer que decidem viajar para Amsterdã. A personagem Hazel Grace tem o sonho de conhecer o autor de seu livro favorito, que reside em Amsterdam. Ela conhece Augustus, que também possui câncer e, juntos, viajam para realizar o sonho de Hazel.

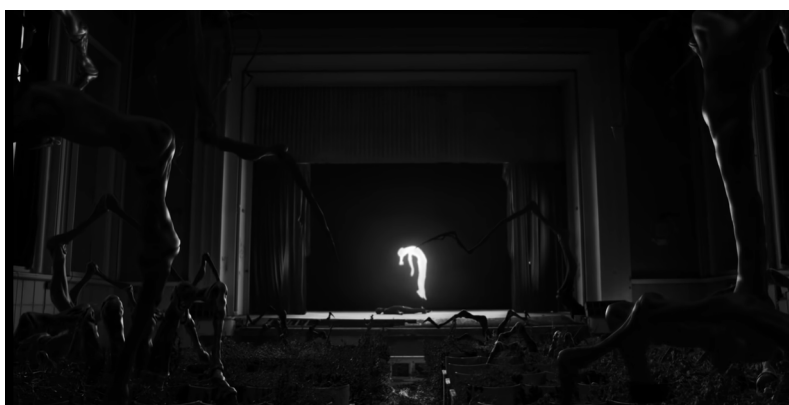
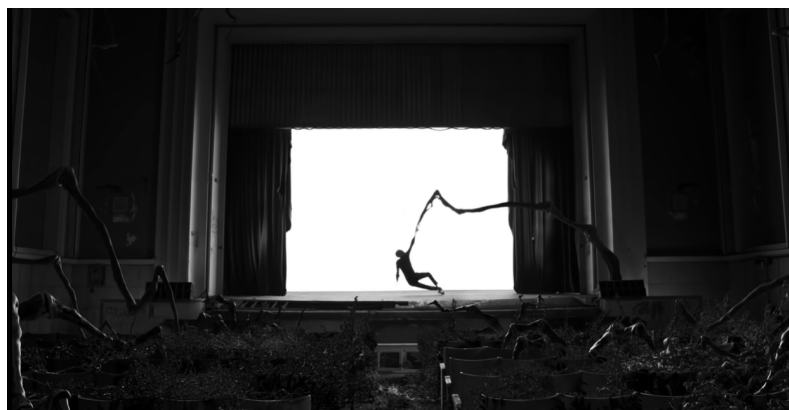
O filme *Life in a Year* (2021), dirigido por Mitja Okorn, conta a história de Daryn e Isabelle. Daryn é um jovem bem sucedido e aspirante a rapper. Ele conhece Isabelle, se apaixona e ambos iniciam um relacionamento. Zach descobre que Isabelle possui câncer em estágio avançado e, então, decide que ambos precisam viver experiências dignas de uma vida inteira.

Clouds (2020), dirigido por Justin Baldoni, conta a história de um personagem chamado Zach que decide seguir seu sonho de se tornar músico. Zach descobre que tem alguns meses de vida em razão de um câncer terminal. Por isso, ele decide gravar um álbum para ressignificar sua vida

O que há de comum em todos os filmes citados, é que a vida dos personagens principais é colocada em perspectiva devido ao câncer. Em *The Fault in our Stars* (2014), Hazel e Augustus decidem viajar para Amsterdam. Zach, do filme *Clouds* (2020), decide investir em seu sonho de ser músico, e em *Life in a Year*, a personagem principal, Isabella, decide dar chance ao amor. A diferença

entre esses filmes e o clipe *Quand C'est* é que eles utilizam recursos narrativos visuais opostos para evidenciar o mesmo estereótipo: o câncer sempre mata.

Os critérios para a seleção desses filmes neste breve comparativo foram: os roteiros, ao tratarmos dos longa-metragens, que focam essencialmente no fato do câncer ser uma doença rigorosamente mortal, e as escolhas visuais estéticas ao tratarmos do videoclipe. Em *Quand C'est*, há o contraste do preto e branco, os objetos pontiagudos e a sincronicidade dos violinos com os eventos que acontecem em tela, como apresentado nas figuras abaixo



Quand C'est - Stromae. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8aJw4chksqM>

Ao contrário dos longa-metragens, o clipe é retratado através de recursos visuais mais escuros, trazendo um peso dramático diferente dos outros filmes citados que prezam por um desenrolar mais esperançoso em relação à doença. Importante também mencionar que a história da letra composta pelo artista Stromae se trata de uma visão pessoal acerca da vivência do câncer com seus próprios familiares, fazendo com que a obra torne-se uma espécie de relato, bem como o construído em *Eu e o Câncer, o Câncer e Eu*, mesmo que abordando perspectivas distintas.

Mesmo com diferentes enfoques, todos os produtos citados reforçam o estereótipo de que o diagnóstico de câncer significa, obrigatoriamente, uma sentença de morte. Em *The Fault in Our Stars*, Augustus descobre, na segunda metade do filme, que seu câncer evoluiu para outras partes do seu organismo e morre no final. Zach, de *Clouds*, viraliza na internet mas seu destino final no filme também culmina na morte, assim como Isabelle de *Life in a year*, que morre ao lado de seu namorado.

Ao analisarmos superficialmente tais produtos em consonância com a obra “Cinema como Prática Social”, segundo Turner, o cinema evidentemente não é uma linguagem, mas, mesmo assim, gera seus significados através da cinematografia, edição de som e assim por diante. Além disso, segundo o autor, o primeiro passo para entender essa análise, é preciso ver o cinema como forma de comunicação. O segundo é entendê-lo como uma forma de comunicação dentro de um sistema maior gerador de significados - a própria cultura.

3. EU E O CÂNCER, O CÂNCER E EU: A OUTRA FACE DE DO DIAGNÓSTICO

Considerando a breve análise de alguns produtos audiovisuais que retratam doenças graves e diagnósticos como uma sentença de morte, *Eu e o Câncer, O Câncer e Eu* busca colocar luzes às sensações e percepções vividas por Daniele Muller, a protagonista, em relação às suas experiências ao ser diagnosticada com câncer.

A história de Daniele foi escolhida pelo fato de Alessandra e eu conhecermos previamente, mas não minuciosamente, a relação da personagem principal com seu

diagnóstico de câncer. Além disso, o fato de Daniele estar curada há 13 anos pode representar um fator determinante para que ela realizasse uma entrevista de forma aberta e receptiva a todas as perguntas feitas.

Frequentemente, um diagnóstico de doenças graves, que ameaçam a continuidade da vida, colocam em perspectiva a vida ser, imbuído de dores, arrependimentos e inseguranças. Representado no documentário, a vivência de Daniele foi o contrário disso: o diagnóstico de câncer, um Linfoma de Hodgkin, em estágio avançado, a deixou esperançosa.

Até mesmo a palavra “câncer” já possui um certo estigma evidenciado pelo professor historiador André Mota, que estuda preconceitos que marcaram o período entre 1892 e 1953.

Por meio da análise das representações e da simbologia da doença durante o período, o historiador Elder Al Kondari Messoria (In: SALLES, 2018), que desenvolveu a pesquisa junto ao Museu Histórico da FMUSP, identificou quatro aspectos que permaneceram sempre presentes para caracterizar o câncer como um estigma e um tabu: a nomenclatura, a invencibilidade, a individualidade e o “estatuto maldito” da doença.

O trabalho mostra que isso não se dá de uma maneira natural. É uma construção histórica que vai se dar por diversos discursos e por diversas interações médicas, de saúde e socioculturais, todas elas em um eixo circular no qual todas as coisas se conversam. (MESSORA, IN: SALLES, p.01)

Logo, segundo a pesquisa de Messoria, é historicamente aceito que o câncer seja sempre apontado como um termo pejorativo:

Ao mesmo tempo, o câncer começa a ser utilizado numa linguagem do viver social. Então, a política pode ser um câncer, a sociedade pode ser um câncer, os negros podem ser um câncer, os nordestinos que estão chegando podem ser um câncer. Há um espraio simbólico (Idem, p.01)

Graeme Turner no livro *Cinema como Prática Social*, declara que precisamos enxergar o cinema como comunicação. Além disso, afirma que podemos colocar a

comunicação do cinema dentro de um sistema que gere maior significados como o da cultura. Por isso a ideia de realizar um documentário, com uma história já conhecida por nós, que pudesse mostrar outra face do diagnóstico de câncer.

Se fossemos classificar o documentário produzido de acordo com os modos de representação de Bill Nichols, ele se enquadra em um modo denominado por Nichols “participativo”. O modo participativo dá a ideia de que, quando o cineasta está presente na cena, esta se altera pelo simples fato de ele estar ali inserido. Neste caso, o cineasta então pode querer relacionar-se diretamente com o assunto a ser registrado e colocar-se como parte ativa e perceptível do que acontece em cena. Esse modo, muitas vezes, busca demonstrar como representações do mundo histórico são provenientes de pontos de vista específicos. A ênfase deste modo de representação está na relação entre o cineasta e o tema do documentário..

Para Nichols (2005):

Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos [...] Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões filmadas do mundo. (p. 26)

Tendo em vista o estereótipo das representações do câncer em produtos audiovisuais, o intuito da realização deste documentário teve como objetivo apresentar uma visão pouco explorada acerca do que pode significar o diagnóstico de uma doença grave na vida de uma pessoa.

Assim, optamos por realizar uma entrevista com a Daniele para que ela mesma pudesse contar a própria história. Segundo Comolli (2008), “Convocar alguém para compor uma cena e fazê-lo falar e, eventualmente escutá-lo, para fazer de sua palavra algo que não seja nada, nunca foi e nem pode ser um gesto anódino” (p. 86).

Ao produzir o documentário estamos, invariavelmente, evidenciando pessoas e histórias. Seja para expor concordâncias ou discordâncias em relação ao cineasta ou a um povo que este possa estar tentando representar. Concordâncias, quando Nichols enfatiza “A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é

preferível a outros” (p. 26) E discordâncias, à visão de Comolli “Os outros são difíceis de aprender, portanto é preciso filmá-los” (p. 88)

Por isso, o objetivo da realização de *Eu e o Câncer*, *O Câncer e Eu* sempre foi ir além de um filme focado na estética, e sim, a algo que pudesse ter um certo poder transformador para o espectador e também para a personagem. Turner afirma que os estudos sobre o cinema têm sido amplamente dominados pela perspectiva da análise estética e que, portanto, através de sua obra, pretende apresentar aos estudantes o cinema como uma prática social. Mesmo valendo-se de recursos estéticos para validar as escolhas realizadas na produção e na reflexão sobre a prática do trabalho de conclusão de curso *Eu e o Câncer*, *O Câncer e Eu*, em podemos constatar que “a função do cinema em nossa cultura vai além de ser, simplesmente, um objeto estético para exibição”. (TURNER, p 13.)

Tudo começa com a vontade de registrar uma fala a respeito de Daniele Muller (Dani, como gosta de ser chamada), com a qual possuo profunda admiração e amizade. Como exibido no filme, a relação de Dani com seu diagnóstico de câncer há cerca de 13 anos traz uma perspectiva até então diferenciada em relação a sua reação: um Linfoma de Hodgkin, diagnosticado em Porto Alegre/RS, foi um motivo de esperança em sua vida.

O filme foi finalizado em 2022, mas gravado e pré-produzido em 2021. Ainda estávamos com protocolos rígidos de segurança em virtude da pandemia e, por isso, decidimos gravar dentro da casa dela, em um quarto onde era mais silencioso já que a casa fica em uma rua movimentada da cidade. Inicialmente o foco era gravar com qualidade somente o áudio para que, posteriormente, o documentário fosse inteiramente animado. Entrei em contato com o professor Guilherme Carvalho da Rosa, então coordenador dos cursos de cinema da Universidade Federal de Pelotas, para pegar emprestado o gravador digital do curso e assim garantir a qualidade na captura do áudio.

Para construir o filme comigo, contei com o auxílio de Alessandra Bonholi Barbosa, colega de turma que pré produziu o documentário e realizou trechos das animações frame a frame. Nos reunimos virtualmente já que a Alessandra estava em Araraquara/SP e eu estava em Pelotas/RS para que pudéssemos desenvolver as perguntas. As orientações com as professoras e professores dos cursos de cinema da UFPel que muito nos auxiliaram durante todas as etapas da produção também ocorreram online em virtude da pandemia de COVID-19.

3.1 A ENTREVISTA

A equipe já contava com algumas informações prévias sobre a vivência de Daniele em relação ao câncer. Eu já conhecia Dani. Possuímos uma relação de intimidade e, parte da história dela com o câncer eu já havia escutado, mas não aos detalhes. Para Nichols, “O grau de mudança de comportamento e personalidade nas pessoas, durante a filmagem, pode introduzir um elemento de ficção no processo do documentário (a raiz do significado de ficção é fazer ou fabricar)” (p. 31). Assim, para que fossem provocadas respostas impactantes de modo que eu, minimamente, já possuía conhecimento da história, as perguntas “certas” precisavam ser feitas.

Portanto, as perguntas foram selecionadas para que Dani desenvolvesse seu raciocínio a partir de algumas informações que já eram de nosso conhecimento como: a reação de Dani ao diagnóstico, a reação em relação à notícia da cura. Para construir o documentário optamos por criar perguntas que seriam retiradas na pós-produção para que somente o depoimento ficasse em evidência. Criamos perguntas onde as respostas não poderiam ser resumidas com “sim” ou “não”.

3.1.1 AS PERGUNTAS - BREVE REFLEXÃO

As perguntas se desenvolveram através de um breve roteiro, mas também muito adaptadas de acordo com as respostas da personagem. A entrevista foi conduzida em tom de conversa, para que ela ficasse mais à vontade ao longo da gravação e, com o tempo, pudesse entrar em detalhes cada vez mais ricos acerca de sua própria história.

O que foi listado abaixo são as perguntas realizadas e registradas no material bruto de gravação com aproximadamente 73 minutos de duração. As enumeradas são as perguntas acrescidas de comentários a respeito dos bastidores, dos pensamentos e daquilo que não necessariamente foi para o corte final mas que foram importantes para a construção do documentário em torno da ética.

As perguntas feitas por mim, em voz alta, foram retiradas em pós produção para que a entrevista mantivesse um tom de depoimento, sem minha participação direta.

1. Te apresenta pra nós! Teu nome, tua ocupação... Te apresenta pra mim!

Quando falo “te apresenta para mim” estou tentando fazer com que ela se sinta mais confortável com a pergunta inicial, já que realizar uma entrevista gravada foi uma experiência completamente nova para ambas. Como possuímos certa intimidade, pedir para que ela se apresentasse “para mim” e não para a câmera poderia tirar certo peso que ela poderia estar sentindo.

2. Como tu sabe... o objetivo do nosso TCC (pode ficar tranquila e relaxada diante da câmera enquanto eu estiver falando) vou passar pontualmente para as perguntas: tu teve um câncer com que idade?
3. O que significava a palavra câncer antes desse diagnóstico?

Neste momento, eu interrompo seu silêncio e digo: “tu viu que durante tua resposta tu deu uma “paradinha”? Não tem problema. É só voltar para a tua linha de raciocínio”, de modo que ela pudesse se sentir livre para “cometer erros” durante a fala, reformular frases e palavras que ela julgasse prudente.

4. Agora pode falar à vontade, é uma conversa. Estás falando pra mim. Até porque são dúvidas que eu particularmente tenho... e tu falou que sentia umas dores no começo. Como foi o processo até a chegada do diagnóstico. (termina de falar aos 11:52)
5. Tu começou dizendo que antes do diagnóstico ele representava pra ti a morte. E depois ele se tornou “vida”, né? Foi bem intenso até descobrir o diagnóstico...
6. Pronto. Diagnosticou. E agora?
7. Tu falou algo muito importante e que chega na outra pergunta. Tu comentou que nem imaginava que pacientes com câncer necessitavam de outros tipos de serviços, como a fisioterapia, como a psicologia. Eu havia colocado um exemplo aqui para me lembrar: quando estamos gripados e resfriados nós seguimos, muitas vezes, trabalhando e fazendo as nossas coisas... nossa vida não é colocada em perspectiva por causa dum resfriado. Mas com o câncer é diferente

tanto pela doença quanto pelo tratamento que é muito massacrante. Então te pergunto: no começo, a tua vida estava girando em torno do câncer ou tu conseguia pensar em outras coisas? Naquele momento o câncer era a tua vida?

Nesse momento ela dá o título do filme, “Dava pra escrever um livro: Eu e o Câncer ou o Câncer e Eu”. Alessandra e eu gostamos muito de usar uma frase dela como título até pelo que ela poderia representar. Quando ela separa “eu” do “câncer” podemos interpretar que, do período do seu diagnóstico até a cura o câncer somente fez parte da vida dela e não necessariamente

Nesse momento Daniele comenta que estava se abstendo das partes “mais horríveis” e ri. Como ela sabia o intuito do documentário, apesar de termos concedido total possibilidade de ela falar o que quisesse, optou por não entrar em detalhes sobre as suas dores (especialmente as físicas) durante o tratamento e o diagnóstico de câncer. Logo na pergunta abaixo comento:

8. Mas é isso... falar o que te sente confortável. Aí está o mais rico do teu depoimento. Te pergunto: depois da cura veio uma nova vida... o que mudou na tua conduta, o que tu aprendeu com o câncer para não repetir? Se tu pudesse pensar em alguma lição... qual seria?

Em parte, eu sabia parte dessa resposta pois sabia que ela tinha retirado alguns ensinamentos desse processo. Na resposta em questão, ela comenta que “faria tudo de novo tranquilamente” e que, naquele momento, sentia que estava colocando luzes em sua própria história. Em outro momento, ela conta que quando foi diagnosticada seu pai também estava com câncer e já estava em tratamento quimioterápico. Antes da morte de seu pai, pediu para que “Deus passasse para ela pois ela aguentaria”. Foi a partir de tal relato que optamos por não animar inteiramente o documentário. Como representar alguém que não está mais presente fisicamente entre nós? Esse foi um dos questionamentos que nos fez repensar a animação de toda a fala da personagem.

Durante essa resposta em particular, ela se emociona e durante a gravação começa a chorar. Naquele momento eu estava monitorando áudio e vídeo durante

os 73 minutos totais de entrevista, este foi o momento em que cogitei desligar a câmera. Não sabia se estava sendo muito invasiva e se ela estaria sentindo-se desconfortável. Por outro lado, me ocorreu que o oposto dessa situação poderia estar acontecendo: ela estaria tão confortável e segura naquele momento que sentiu-se a vontade de chorar em frente a câmera. Logo, muito provavelmente ali estaria um dos trechos mais ricos do documentário por ser o mais honesto e sensível que Daniele poderia proporcionar naquele momento.

9. Por que tu acha que o câncer tem esse peso? Existem muitos momentos que colocam nossa vida em perspectiva... um câncer, uma perda qualquer... uma transferência de emprego... aí tu começa a pesar as coisas e ver o que vale a pena pra ti.
Todos sabemos que vamos morrer... por que tu achas que existe esse medo de inclusive falar a palavra “câncer”?
10. Tu te apresentou lá no início. Quem era a Dani antes do diagnóstico?
11. Tu já falou das lições... existe algo que tu gostaria de compartilhar com as pessoas que estão vivendo esse momento ou que estão lidando com alguém que estão vivendo esse momento? Algo que tu só pode ter a percepção por ter vivido esse momento.

Essa pergunta foi realizada inicialmente com o intuito de encerrar não só a entrevista como também o documentário. De ser o comentário final que encerraria a fala da personagem. Mas, após as orientações recebidas através da Prof^a Dr^a Cíntia Langie, optamos por encerrar a fala dela com a pergunta inicial, quando ela se apresenta e inseri-la durante os créditos finais. Ainda assim, realizei mais uma última pergunta, com o trecho de uma música como

12. Existe uma música do Milton Nascimento que diz “Eu sou maior do que era antes, estou melhor do que era ontem, eu sou filho do mistério e do silêncio, somente o tempo vai me revelar quem sou”. Depois de tudo isso que tu me disse: no que tu ficou “maior”?

As perguntas foram construídas com um propósito bem definido: não conseguiriam ser respondidas com “sim” ou “não”. Essa decisão foi tomada logo nas primeiras reuniões virtuais de pré-produção já que o intuito era animar toda a fala de Daniele. Foi captado cerca de 73 minutos de material bruto para que, a partir dele, pudéssemos criar o roteiro das animações. Em conjunto, optamos por criar alguns personagens que contassem a história com a narração da própria personagem.

A partir da resposta em que ela começa a chorar, decidimos manter não só a imagem da personagem em tela em alguns momentos, como também optamos por não caracterizá-la como uma versão caricata. A pergunta em questão trata sobre a relação de Daniele com o pai, falecido em razão de um câncer de intestino à época em que ela também recebeu seu diagnóstico. Em vídeo, ela começa a chorar ao responder a pergunta, e eu, monitorando sozinha áudio e vídeo, considerei interromper as gravações para não invadir a privacidade dos seus sentimentos naquele momento. A Alessandra não estava presente durante a gravação, mas eu sabia que ela também não gostaria de deixar Daniele desconfortável. Ao mesmo tempo, algo muito rico poderia ser extraído daquele trecho por ser um depoimento autêntico.

Com sua permissão declarada em vídeo, esse impedimento logo tornou-se um alívio. Poderíamos então utilizar o depoimento de 73 minutos na íntegra caso fosse do nosso interesse. Porém, o outro questionamento que surgiu foi: como realizar a decupagem? Iremos animá-lo inteiro? Qual técnica?

3.2 ANIMAÇÃO

Por uma questão de vivências, Alessandra e eu optamos por realizar uma animação quadro a quadro digital, pois ambas já possuíam alguma experiência na técnica através do curso. Mesmo assim, a experiência de fazer um documentário era completamente inédita para nós.

Nosso intuito sempre foi dar ênfase ao discurso de Daniele, utilizando a técnica da animação 2D como suporte visual ou como reforço da fala da personagem. Para isso, optamos por criar alguns personagens que pudessem ajudar a ilustrar os acontecimentos.

Uma decisão consciente para representar Daniele foi: queremos que outras

peçoas possam se identificar com os sentimentos que ela descreve. Por isso, criamos um personagem que pode ser de qualquer sexo, idade e estatura. Tal personagem representaria Daniele em alguns momentos pontuais sem que este precisasse ser esteticamente similar a ela.

Ao ouvir a fala inicial onde diz “dava pra escrever um livro: Eu e o Câncer, ou o Câncer e Eu”, pensamos em criar um segundo personagem para interagir com este primeiro: o câncer.

3.2.1 COMO REPRESENTAR O CÂNCER?

Sabíamos que não gostaríamos de representar o câncer como um personagem humanóide, ou como algo que pudesse ser assustador como um monstro ou similar. A proposta era justamente o oposto dessa, já que a própria Daniele não encarava o câncer como um vilão e, portanto, não poderíamos caracterizá-lo visualmente dessa forma.

Com esse aspecto confuso, criamos um personagem que se parece um emaranhado de fios (Figura 01), que ficaria se movimentando desordenadamente assim como o próprio câncer faz com o corpo: células que multiplicam-se de forma incontrolável.



Figura 01 Personagem à esquerda representando Daniele e personagem à direita representando câncer

Assim, o personagem Câncer poderia movimentar-se e preencher toda a tela (Figura 02)



Figura 02 Personagem Câncer representando a fala de Daniele sobre dor, morte e sofrimento

Ou então interagindo com a personagem que representa Daniele (Figura 03)

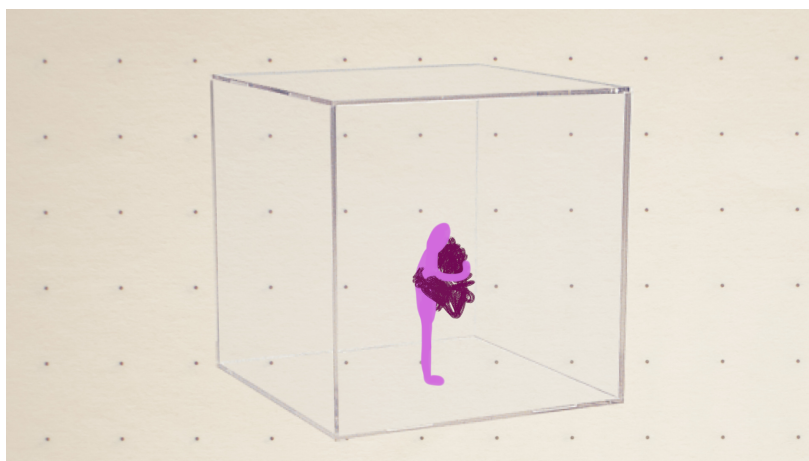


Figura 03

3.2.2 O QUE NÃO ANIMAR?

Essa pergunta nos ocorre durante a pergunta em que Daniele fala sobre a morte de seu pai. O intuito do documentário era trazer uma nova perspectiva sobre o diagnóstico que, no caso, é carregado de esperança. Não seria justo do nosso ponto de vista tentar representar em forma de animação a morte do pai da personagem, visto que o propósito do filme sempre foi elucidar concepções menos comuns acerca do câncer.

Durante a resposta da pergunta 08, a personagem chora ao falar do seu pai. Neste momento pensamos: como animar alguém que não está mais presente para

dar o seu depoimento? Como interpretar visualmente o único momento em que Daniele se emociona diante da câmera? Neste momento, optamos por deixar a imagem dela em tela, preservando os silêncios e mantendo somente o registro bruto daquilo que foi captado pela câmera.

Neste momento, o dilema ético se tornou muito mais evidente durante a produção. Antes ele estava presente na concepção das perguntas, na formulação de um possível e flexível roteiro que seria guiado pelas declarações de Daniele durante a entrevista. Agora o momento era outro: algo inesperado ocorreu. Ela já não estava mais falando da sua própria dor e do seu próprio câncer. Mencionava a dor do pai, seu estado de fragilidade física e inclusive seus momentos finais. Ele não poderia autorizar ou desautorizar qualquer uso imagético indevido. Optamos, então, por não criar animações que pudessem minimamente ferir a memória do pai da personagem.



Nos trechos que não foram animados digitalmente, mantivemos a imagem de Daniele em tela

3.2.3 O QUE ANIMAR?

As primeiras cenas que decidimos animar foram aquelas em que Daniele conta parte da sua história valendo-se de metáforas. Logo após, decidimos animar alguns sentimentos que ela descrevia como o medo e o sofrimento, ilustrando elementos alusivos ao formato confuso e rabiscado do personagem Câncer, como na figura 04.



Figura 04

Para a fala do diagnóstico, utilizamos duas cenas: esta primeira, representada na figura 05.



Figura 05

E segunda cena ilustrando os exames que ela precisou realizar e onde ela comenta que “retiraram partes do corpo dela que ela nem sabia que existia”, conforme na figura 06.



Figura 06

Quando ela recebe o diagnóstico, começa a metáfora da “caixa acrílica”, onde a personagem fala sobre a sua relação com o tratamento de câncer. Segundo ela, é como se todos pudessem vê-la mas não acessá-la, como na figura 07.

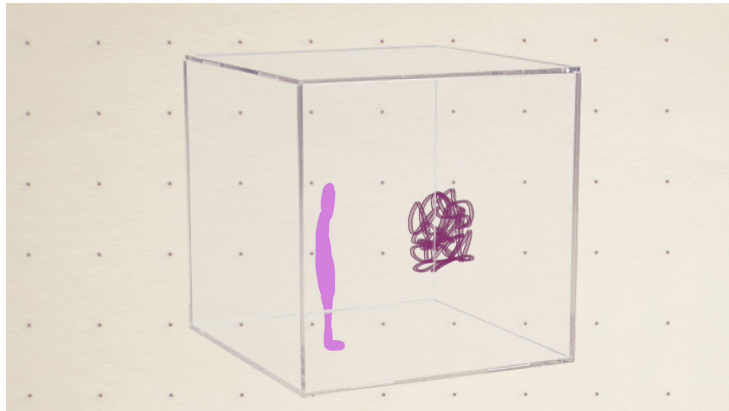


Figura 07

Ao “inundar-se” com esperança, o personagem Câncer assume a cor verde e preenche a caixa acrílica, como na figura 08.

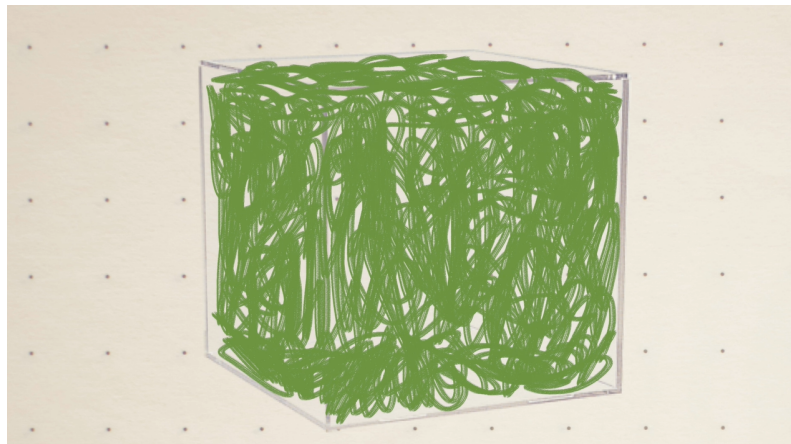


Figura 08

Após ser “pinçada do mundo real”, a personagem animada digitalmente cai dentro da caixa acrílica e é observada por pessoas “maiores” e “mais fortes” que ela, como nas figuras 09 e 10.

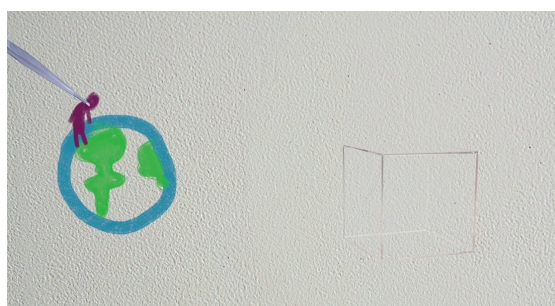


Figura 09

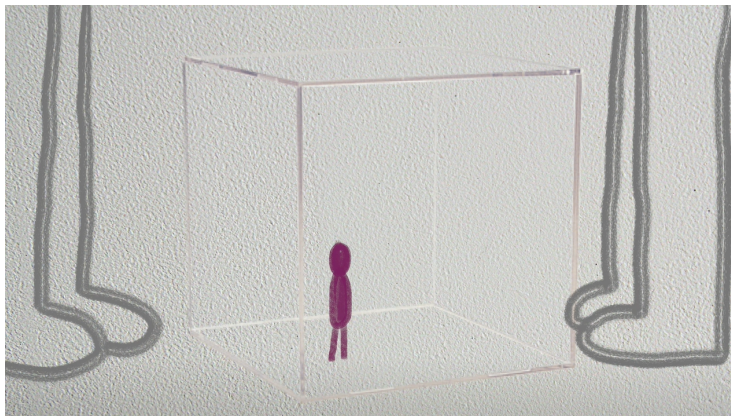


Figura 10

Essas foram as primeiras a serem selecionadas para animação para que, posteriormente, pudéssemos usar elementos um pouco mais isolados em relação ao depoimento de Daniele, como o trecho que ilustra a passagem de tempo através de flores crescendo em torno da caixa acrílica, como na figura 11.

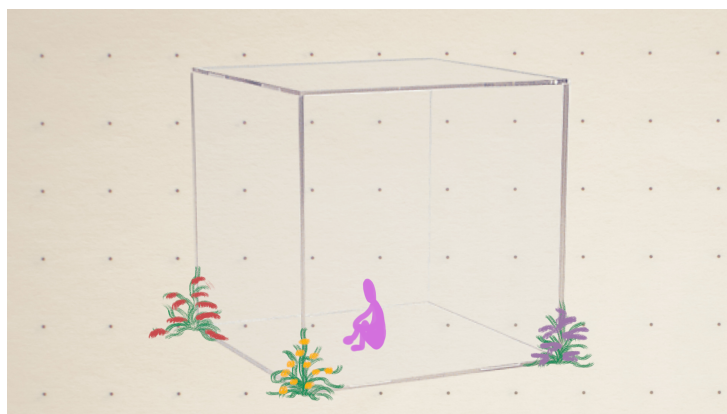


Figura 11

Já o trecho em que ela descreve a notícia da cura foi representado através do medo ocupando o entorno da caixa acrílica (figura 12) e também de uma porta se abrindo na caixa acrílica (figura 13) sem que a personagem a ultrapasse, considerando que a ela relata o quanto esta sentiu-se deslocada depois de receber a notícia da cura.

Essas foram as últimas cenas a serem animadas já que, logo após, como

mentionado no item 3.2.2, ela começa a falar sobre o seu pai e sua relação com o câncer que ele também estava vivenciando.



Figura 12

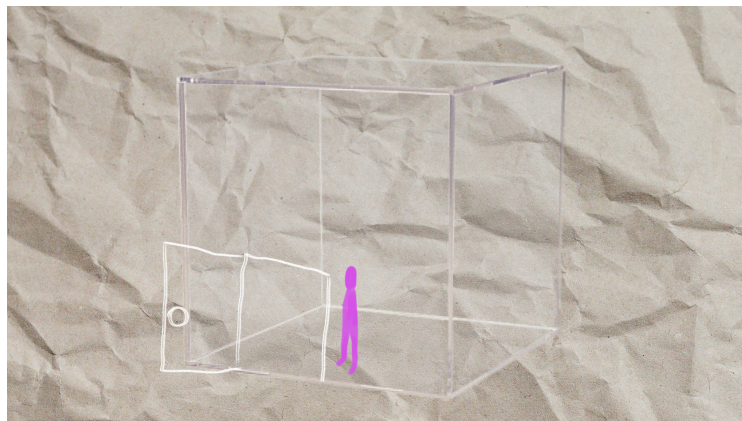


Figura 13

3.3 DECUPAGEM: TRANSFORMANDO 73 MINUTOS EM 15

Outro desafio que se apresentou foi o título. Sempre foi claro para mim e para Alessandra que gostaríamos da palavra “câncer” logo no título, visto que pronunciar a palavra câncer já é um certo estigma na vida das pessoas. Daniele comenta sobre isso logo no início do seu depoimento. Também podemos observar esse estigma em um documentário dirigido por Meghan O'Hara intitulado “The C Word”, ou, na tradução literal “A palavra com C”, que já denota tal estigma.

Após a definição do nome, que foi retirada de um trecho da fala da própria personagem logo no começo da entrevista, foi preciso reorganizar as informações que foram disponibilizadas no depoimento, visto que, conforme as perguntas iam

progredindo, Daniele ficava cada vez mais a vontade e confiante para desenvolver seu raciocínio com mais segurança. Além disso, pelo fato de sermos próximas uma da outra ela já sabia que nós não manipularíamos sua fala de modo a distorcer seu significado.

Por isso, em alguns momentos ela voltava aos assuntos que havíamos tratado logo no começo da entrevista por possuir mais clareza no que gostaria de compartilhar, e por essa razão foi preciso remontar a ordem da fala dela sem que isso alterasse seu sentido.

Para começar a montagem e a edição, primeiro nos distanciamos do material. Ficamos algumas semanas sem ter nenhum contato com os arquivos da entrevista, a não ser para manutenção do seu armazenamento via nuvem e hd's externos. Como Alessandra e eu possuímos uma relação de amizade com Daniele e, ao entrevistá-la eu já havia me sensibilizado, optamos por ficarmos um pouco distantes do material nesse primeiro momento para não ser totalmente influenciada pela emoção durante a produção das animações e da montagem.

Não poderíamos animar 73 minutos de filme pois não teríamos tempo hábil para tal, visto que o documentário foi construído para ser o nosso trabalho de conclusão de curso, com cerca de um ano de produção e equipe muito reduzida. Quais trechos do depoimento retirar? Quais manter? Tudo parecia muito relevante e, por isso, além das reuniões virtuais semanais que realizamos com a Prof^a Dr^aa Carla Schneider, entramos em contato com a Prof^a Dr^a Cíntia Langie para que nos auxiliasse com a decupagem já que a prof^a Carla estava nos ajudando com a animação.

Em uma orientação, também virtual, Cintia nos sugeriu que, para que o documentário pudesse ficar mais curto (visto que o tempo de produção do TCC prático não seria suficiente caso quiséssemos produzir um longa), deveríamos retirar as partes que são mais comuns nos outros produtos analisados. Ela pontuou que parte da dor e sofrimento já é muito conhecida por todos e que então deveríamos manter aquilo que é mais único na fala de Daniele. Essa orientação foi determinante para que pudéssemos transformar 73 minutos em aproximadamente 15. Então, após selecionarmos os trechos, foi o momento de reorganizar a linha do tempo.

Daniele está curada há 13 anos. A cura já era sabida por nós realizadoras e fizemos a pergunta de como a foi a notícia da cura com o foco de que houvesse um

trecho do documentário dedicado à essa parte de sua vida. Porém, não gostaríamos que esse trecho ficasse por último, visto que o propósito não era colocar a cura em evidência e sim, a relação da personagem com o seu diagnóstico. Optamos por colocar o trecho em que ela disserta sobre a notícia da cura na segunda metade do documentário, para que assim esta estivesse presente mas não totalmente em evidência.

O trecho escolhido para encerrar o documentário foi justamente aquele que, durante a entrevista, fiquei receosa em manter: a relação dela com o câncer do pai. Em nenhum momento da entrevista, ao falar de sua experiência pessoal, ela se emocionou com a própria história, mas foi ao mencionar alguém que ela ama, passando por uma situação similar à que ela se pôs em prantos. Assim, a ética sempre foi um fator norteador para orientar as decisões do que manter e de quais trechos retirar da entrevista, visto que, por se tratar de um produto acadêmico não haveria tempo hábil para animar integralmente as quase 1 hora e 13 minutos de entrevista.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fica para a reflexão sobre o documentário animado produzido, tal qual esta pesquisa, é que este não resolve ou põe fim às representações do diagnóstico de câncer como uma sentença de morte e nem foi concebido e realizado com tal pretensão. Porém, considerando o prisma de que o cinema é uma mídia que pode servir como suporte e um meio de comunicação, é evidente que as produções cinematográficas, não sendo dissociadas dos outros meios de comunicação, criam e contribuem na criação de um imaginário coletivo.

Em “Cinema, Ética e Saúde”, organizado por Ana Carolina da Costa e Fonseca (2014), em um trabalho sobre bioética e cinema, Carlos Estellita-Lins pondera, “cabe aqui destacar o estatuto do cinema ou do vídeo em sua missão educativa e reflexiva para o campo bioético quando são percebidos como potentes veiculadores de experiências, sejam ficcionais ou documentais.” (p.24), ou seja, cumpre um papel importante no entretenimento e lazer daqueles que são capazes de acessá-lo, mas, também, detém um potencial muito significativo no que diz respeito ao ensino, educação e porque não da saúde.

O que podemos refletir com a produção de *Eu e o Câncer*, *o Câncer e Eu* é

que, sob erros e acertos, algumas produções futuras, tanto do ambiente acadêmico quanto de fora, podem ser idealizadas para desempenhar uma prática social, podendo contemplar entretenimento, estética e um compromisso firmado com a “divulgação de narrativas, experiências e trajetórias (ESTELLITA-LINS, p. 23), in FONSECA, 2014). Ademais, como todas essas questões relacionam-se com a ética. Em *Eu e o Câncer, o Câncer e Eu* podemos observar um comportamento solene ao tratarmos com a entrevistada. Em momento algum foi a intenção deixá-la desconfortável em prol de um roteiro ou priorizando uma história idealizada a ser contada. Assim, quais os limites? A ética pode ser sacrificada em benefício de uma “causa maior”? Nosso filme aponta alguns caminhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMOLLI, J.L. **Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.

CRARY, J. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CRARY, J. **Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012

FONSECA, A. C. C. **Cinema, Ética e Saúde**. Porto Alegre. Editora Bestiário, 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

SALLES, Silvana. Estigmas e tabus: por que o câncer de ontem não é o mesmo de hoje. **Jornal da USP. São Paulo, 07 de novembro de 2018. Disponível em:** <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/estigmas-e-tabus-por-que-o-cancer-de-ontem-nao-e-o-mesmo-de-hoje/>>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

SERRA, J. J. O documentário animado: quando a animação encontra o cinema do real. **RuMoRes**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 238-258, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51262>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24ª Edição.

São Paulo: Cortez, 2017

TURNER, Graeme. **Cinema como prática Social**. São Paulo: Summus, 1997.